

DANIEL SMITH

Autor de *Pensar como Churchill* e *Pensar como Nelson Mandela*







Pensar como
OBAMA

.....
BIOGRAFIA INSPIRADORA DE UMA DAS FIGURAS
MAIS INFLUENTES DA HISTÓRIA RECENTE

v o g a i s

ÍNDICE

Introdução	5
Marcos de Uma Vida Extraordinária	10
Tudo Começa Com a Família	17
Se Olharmos de Fora, Vemos Muito do Que Está Dentro	23
Na Tua Identidade Mandas Tu	29
O Teu Legado É o Teu Contexto	37
Atreve-te a Sonhar	41
🌐 <i>Esperança</i>	45
Encontra Solo Fértil para Plantar o teu Sonho	47
🌐 <i>O Sonho Americano</i>	51
Sê a Mudança que Procuras	53
🌐 <i>As Marchas de Selma para Montgomery</i>	59
Por Detrás de Um Grande Homem... ..	61
Pressões Partilhadas São Pressões Reduzidas a Metade	65
A Parentalidade é o Cargo Supremo	73
As Palavras São Importantes... ..	79
🌐 <i>O Homem de Letras</i>	83
...mas as Ações São Ainda Mais	85
Os Heróis de Obama	93
🌐 <i>Os Kennedy</i>	100
Lê Como Obama	103
Mantém o Foco no Panorama Geral	109
Os Obstáculos Existem para Serem Ultrapassados	113
As Redes Sociais São Redes Políticas	121
🌐 <i>O Primeiro Presidente Afro-Americano dos EUA</i>	126

Define a Agenda	129
É a Economia, Estúpido	135
Somos Todos Cidadãos Globais	143
Espera o Inesperado	149
 <i>O Prémio Nobel de Obama</i>	152
Sabe Quando Avançar e Quando Recuar	155
Obama e Deus	165
A Religião Pode Ser Um Veículo para a Coesão Social	171
Só Trabalho e Nenhuma Diversão... ..	177
Os Gostos Musicais de Obama	183
Cuidados de Saúde para Todos	189
Nem Sempre Conseguimos o que Queremos	195
 <i>Contornando o Congresso</i>	199
Não Tenhas Medo do Compromisso	201
 <i>Governo Paralisado (Shutdown)</i>	205
O Combate ao Preconceito é Uma Luta sem Tréguas	207
As Armas Matam Pessoas	215
Está Preparado para Aguentar as Críticas	221
 <i>A Questão da Nacionalidade</i>	223
A Sério: É Preciso Sentido de Humor	225
O Legado de Obama	231
 Bibliografia Seleccionada	 239

INTRODUÇÃO

«Foi como se nascesse um novo dia.»

OPRAH WINFREY, «Man of the Moment» [O Homem do Momento]

Em oprah.com, 2005

O lugar de Barack Obama na história está garantido, ao ter sido o primeiro afro-americano a ocupar o cargo de Presidente dos Estados Unidos da América. Só esse facto faz dele uma das pessoas mais importantes dos nossos tempos. No entanto, a sua história de vida é muito mais rica, embora corra o risco de passar despercebida perante tamanho galardão.

Após uma infância por vezes problemática e perturbada, o reconhecimento público de Barack Obama teve início quando se tornou o primeiro presidente afro-americano da conceituada *Harvard Law Review*. A seguir, inaugurou a carreira literária, com um livro de memórias que é considerado uma espécie de obra-prima contemporânea — tudo isto antes de a carreira política ganhar asas.

Quando decidiu embarcar pela via dos cargos públicos, voltou a desafiar as probabilidades: do senado do estado do Illinois, passou para o Senado Federal. Aos 43 anos, foi o quinto senador afro-americano de sempre, e um dos mais novos. Por essa altura, já conseguira a atenção de todo o país, graças a um dos mais fantásticos discursos dos últimos tempos, proferido na Convenção Nacional Democrata de 2004. Estava aberto o caminho para a candidatura à Casa Branca em 2008, superando as críticas de que seria demasiado novo e inexperiente para se tornar na pessoa mais poderosa do mundo. E, claro está, teve de enfrentar a facção do universo político que, pura e simplesmente, não estava preparada para ver uma pessoa de cor na Sala Oval.

Assumi as funções de presidente no epicentro de uma vaga de otimismo, como seria reconhecido pelo Comité Nobel ao lhe atribuir o prémio em 2009:

Muito poucos conseguiram cativar a atenção do mundo e transmitir a esperança de um futuro melhor à mesma escala que Obama. A sua diplomacia assenta no princípio de que aqueles que lideram o mundo devem fazê-lo com base em valores e atitudes que são partilhados pela maioria da população mundial. Ao longo de 108 anos, o Comité Nobel norueguês tem procurado estimular, precisamente, o tipo de política internacional e as atitudes que Obama representa, como ninguém, a nível mundial. O Comité subscreve o apelo de Obama de que «chegou a altura de todos nós assumirmos a nossa parcela de responsabilidade numa resposta global aos desafios globais».

Se Obama achava que chegar à Casa Branca seria a parte mais difícil, a dura realidade da presidência não tardou a desenganá-lo. Tomou posse numa altura de fragilidade na economia americana, e viu-se no centro de um panorama internacional cada vez mais desestabilizado pela agitação regional no Norte de África e no Médio Oriente, pela escalada das agressões russas e pelo surgimento de novas, e incrivelmente brutais, organizações terroristas.

Alguns dos que haviam questionado a sua aptidão para o cargo esfregaram as mãos de contentes. Por exemplo, Elizabeth Cheney, figura política e filha do vice-presidente de George W. Bush, Dick Cheney, comentava, em 2010: «Ter jeito para ler o teleponto não é o mesmo que liderança.» Em 2013, o governador da Nova Jérсия, um republicano, descreveu-o como estando «mais preocupado em ter razão do que em meter as mãos na massa».

É verdade que o idealismo e o intelectualismo de Obama (precisamente o oposto, tanto do estilo rústico do seu antecessor, como da pose bombástica do seu sucessor) foram muitas vezes motivo de frustração para os críticos. Para os apoiantes, no entanto, é um dos aspetos centrais do seu encanto. Eis o que o colunista do *New York Times* David Brooks dizia dele em 2009:

Independentemente das discordâncias políticas que possamos ter em relação a ele, todos concordaremos que representa a discrição, o desapego, e todos os outros traços que associamos à dignidade. Os efeitos culturais do seu mandato ainda não são claros, mas talvez sejam mais relevantes do que o impacto político. Pode ser que consiga revitalizar

o conceito de dignidade para as novas gerações e dar corpo a um novo conjunto de regras relativas ao autodomínio.

É demasiado cedo para aferir o quão bem-sucedido — ou não — foi o seu mandato. Há sucessos e fracassos a registar em ambos os lados da escala. Em termos domésticos, viu-se muitas vezes condicionado pelas más condições económicas e por um Congresso dominado pelos republicanos, pouco dispostos a colaborar com ele. Mas também houve sucessos notáveis — por exemplo, conseguiu fazer passar a reforma mais radical do sistema de saúde das últimas décadas, e abrir caminho por entre a crise financeira. Ao nível internacional, teve uma estratégia menos agressiva do que a de George W. Bush, e pode apontar a captura e eliminação de Osama bin Laden como ponto alto, assim como os progressos nas relações com Cuba e o Irão. Além do mais, fez muito pela causa do ambientalismo global. Porém, também foi, até certo nível, apanhado de surpresa pelos acontecimentos no Médio Oriente — sobretudo na Síria—, e não foi capaz de conduzir a humanidade rumo à era de harmonia internacional que o Prémio Nobel parecia anunciar.

Não obstante, Obama já iniciou a transição de figura política para ícone cultural — um caminho percorrido por gente como Martin Luther King, Mahatma Gandhi e Nelson Mandela, todos fontes de inspiração para Obama. Mesmo que adversários domésticos insistam em denegrir a sua reputação, é tido em grande consideração a nível internacional. O seu estilo ponderado, o liberalismo progressista e a defesa da igualdade social e económica continuam a ter grande impacto, assim como a doutrina de cooperação internacional. Mais ainda, o facto de nunca perder a compostura, mesmo no clima de alta tensão

de Washington, faz dele um caso à parte. À semelhança de Mandela, talvez a sua voz soe mais poderosa uma vez libertado das tarefas quotidianas inerentes à chefia da nação.

Ao longo de toda a carreira, Obama manteve-se sempre fiel aos seus princípios fundamentais. Acredita na justiça e na igualdade de oportunidades e, pelo menos para os seus apoiantes, personifica um tipo de liberalismo solidário que nem sempre abunda na vida pública. Este livro procura olhar para as filosofias e ideias que o guiaram, assim como as circunstâncias e acontecimentos que contribuíram para lhe moldar a personalidade. O objetivo é explorar Obama, tanto como figura pública, como enquanto indivíduo, e ficar a conhecer um homem motivado por um otimismo excepcional — um otimismo que também inspira nos outros. A pessoa que emerge é invulgarmente resistente, mantendo-se gentil e determinada, mesmo quando aceita a necessidade de compromisso. Qualquer que seja a nossa posição relativa no espetro político, a vida de Obama é uma das grandes vidas dos dias de hoje.

Em 2016, o primeiro-ministro islandês Lars Løkke Rasmussen dirigiu-se-lhe nestes termos: «É verdade que nem sempre é fácil ser um exemplo, pelo que me dizem. Mas o Sr. Presidente passou a representar um sonho para milhões de americanos e pessoas de todo o mundo.»

MARCOS DE UMA VIDA EXTRAORDINÁRIA

1961	Barack Hussein Obama Júnior nasce a 4 de agosto, no Havai. Os pais são Ann Dunham, uma americana branca, e Barack Obama Sénior, um cidadão queniano.
1962	Barack Obama Sénior ganha uma bolsa de estudo para Harvard e muda-se para Boston.
1963	Ann regressa aos estudos e os seus pais ajudam a criar Barack.
1964	Ann pede o divórcio e começa a namorar com um colega indonésio, Lolo Soetoro.
1965	Barack Obama Sénior regressa ao Quénia. Ann casa com Soetoro.
1967	Ann e Barack Júnior juntam-se a Soetoro em Jacarta, na Indonésia.
1970	Ann dá à luz Maya Soetoro, meia-irmã de Obama.

1971	Ann envia Obama de volta para o Havai, para viver com os seus pais e ser educado na América. É inscrito numa escola privada, a Punahou School.
1972	Ann deixa o marido e regressa ao Havai com Maya. Obama Sénior vem de visita do Quénia. É a última vez que pai e filho estarão juntos.
1979	Obama acaba o liceu e inscreve-se no Occidental College, em Los Angeles.
1980	Ann entrega os papéis de divórcio a Lolo Soetoro.
1981	Obama pede transferência da Occidental para a Universidade de Columbia, em Nova Iorque.
1982	Obama Sénior morre num acidente de automóvel.
1983	Obama acaba o curso.
1983-87	Obama permanece em Nova Iorque durante algum tempo, antes de começar a trabalhar como animador social no Projeto para o Desenvolvimento Comunitário, em Chicago. É-lhe concedida uma bolsa para a Faculdade de Direito de Harvard.
1987	Obama visita o Quénia.
1988	Regressa aos estudos em Harvard.
1989	Obama conhece Michelle Robinson, nomeada para o orientar num estágio na empresa de advogados de Chicago Sidley & Austin.

1990	É escolhido para primeiro presidente afro-americano da <i>Harvard Law Review</i> .
1991	Licencia-se em Harvard (<i>Juris Doctor magna cum laude</i>) e assina um contrato para escrever um livro de memórias, <i>A Minha Herança</i> .
1992	Começa a exercer advocacia em Chicago, especializando-se em direitos civis, e dá aulas de Direito Constitucional na Faculdade de Direito da Universidade de Chicago. Casa com Michelle Robinson. E também passa a ser o diretor do Projeto Voto do Illinois, destinado a promover o recenseamento de eleitores oriundos de minorias étnicas. Obama recenseia cerca de cem mil novos eleitores, sobretudo na comunidade afro-americana.
1995	É publicado <i>A Minha Herança</i> .
1996	Obama é eleito senador do Illinois pelos democratas.
1998	Michelle dá à luz uma menina, Malia Anna. O marido é reeleito para o Senado estadual.
2000	Candidata-se, sem sucesso, ao Congresso.
2001	Michele dá à luz uma segunda filha, Natasha (conhecida por Sasha).
2002	Obama volta a ser reeleito para o Senado do Illinois.
2003	Torna-se presidente do Comitê do Senado para a Saúde e os Serviços Humanos.

2004	Candidata-se ao Senado dos EUA, depois de vencer as primárias do Partido Democrata no Illinois. Em julho faz o discurso principal da Convenção Nacional Democrata. A intervenção, intitulada «A Audácia da Esperança», recebe cobertura nacional. Em novembro é eleito para o Senado americano, com 70 por cento dos votos, tornando-se o quinto senador afro-americano de toda a história.
2006	É publicado <i>A Audácia da Esperança</i> .
2007	Obama anuncia a candidatura às eleições presidenciais de 2008.
2008	Derrota a grande favorita, a antiga primeira-dama Hillary Clinton, e conquista a nomeação do Partido Democrata. Em seguida derrota o candidato republicano, John McCain, e torna-se o primeiro presidente afro-americano do país.
2009	Toma posse como o 44.º presidente dos EUA. Um dos seus primeiros atos é assinar uma lei de estímulo económico, no valor de 700 mil milhões de dólares. Alguns meses mais tarde, recebe o Prémio Nobel da Paz.
2010	Promulga a Lei de Proteção e Cuidados Acessíveis ao Paciente, conhecido por «Obamacare», e introduz novas regulações financeiras. Nas eleições intercalares, os republicanos conquistam o controlo da Câmara dos Deputados.

2011	Obama anuncia que se vai recandidatar. No Paquistão, Forças Especiais americanas localizam e matam Osama bin Laden.
2012	Obama vence o republicano Mitt Romney e conquista um segundo mandato. No final do ano, 20 crianças de 6 e 7 anos são assassinadas, juntamente com seis funcionários, num tiroteio na escola Sandy Hook. No plano internacional, o consulado americano em Benghazi (Líbia) e o anexo são atacados por militantes islâmicos. O embaixador é morto.
2013	Obama toma posse para o segundo mandato. Terroristas fazem um ataque à bomba na Maratona de Boston.
2014	O Exército americano leva a cabo ataques aéreos sobre a Síria. Obama anuncia a normalização das relações com Cuba.
2015	Os republicanos tornam-se a força majoritária em ambas as câmaras do Congresso. Obama anuncia um acordo internacional com o Irão para que este reduza as atividades nucleares. Fala ainda na Conferência das Nações Unidas (ONU) para as Alterações Climáticas, em Paris, na véspera de um novo e importante acordo internacional sobre a regulação das emissões de carbono.
2016	Obama apoia Hillary Clinton na nomeação do Partido Democrata para as eleições presidenciais. Acusa o candidato republicano, Donald

Trump, de ser um «demagogo caseiro» e «incapaz para o cargo». Apesar disso, Trump ganha a eleição.

2017

Obama deixa a Casa Branca. A editora Penguin Random House anuncia um contrato de 65 milhões de dólares com os Obama. Obama dá a conhecer o seu projeto para um Centro Presidencial Obama, em Chicago, e descreve-o como um «*campus* para a cidadania ativa».

2018

A Netflix anuncia um acordo com os Obama para produzir programas e filmes ao longo de vários anos.



Tudo Começa Com a Família

«De todos os alicerces sobre os quais construímos as nossas vidas, somos hoje levados a lembrar que a família é o mais importante.»

BARACK OBAMA, 2008

O início da vida de Barack Obama foi tudo menos tradicional. Quando nasceu, a 4 de agosto de 1961, em Honolulu, a capital do estado insular do Havai, ninguém poderia seriamente prever que a Casa Branca faria parte do seu futuro. Apesar de pouco ortodoxa, seria a família de Obama a inculcar-lhe os princípios e a ambição que o fizeram chegar tão alto.

Até Obama, todos os presidentes americanos partilhavam certas características — sendo a mais óbvia de todas, claro, o facto de serem brancos e do sexo masculino. Além disso, a maioria provinha de famílias abastadas, muitas vangloriando-se mesmo da sua longa linhagem. Tirando o facto de ter nascido rapaz, a história de Obama começou de maneira muito diferente.

A mãe, Ann Dunham, era uma adolescente branca quando o deu à luz, e o pai (também chamado Barack Obama) um estudante de economia proveniente do Quénia. No seu livro de memórias *A Minha Herança*, o Obama mais novo escreveu: «o facto de o meu pai não se parecer nada com as pessoas que me rodeavam — de ser escuro como o breu e a minha mãe branca como leite — quase não ficou retido na minha mente.»

Mas se a cor da pele lhe passava ao lado, a maioria do resto da população não era assim tão progressista. Ao fim e ao cabo, por esta altura, os casamentos inter-raciais ainda eram ilegais em alguns estados.

Os seus pais tinham-se conhecido apenas um ano antes do seu nascimento, quando ambos estudavam na Universidade do Havai. Obama Sénior tinha conseguido obter uma prestigiada bolsa para estudantes internacionais. Casaram em fevereiro de 1961, e, mais tarde, deram ao filho o nome de Barack — «abençoado» em suaíli —, embora este não tardasse a ser tratado por Barry. Poucas semanas depois do parto a mãe de Obama mudou-se, com o filho bebé, para Seattle, para estudar na Universidade de Washington. Obama Sénior ficou no Havai até 1962, ano em que se licenciou em Economia. Logo de seguida começou um mestrado em Harvard, vivendo separado do resto da família. Em 1964, o casamento dos Obama chegou definitivamente ao fim e, no ano seguinte, Obama Sénior regressou ao Quénia, onde voltou a casar. Barack já tinha 10 anos quando pai e filho se voltaram a encontrar.

Entretanto, Ann Dunham também voltou a casar. Em 1965 apaixonou-se por mais um colega estudante — um indonésio chamado Lolo Soetoro. Este regressou à Indonésia no ano a seguir, e mulher e enteado juntaram-se-lhe em 1967. Obama passou os quatro anos seguintes a estudar em Jacarta (incluindo um período em que foi educado em casa pela mãe). Teve um macaco como animal de estimação, e tornou-se um falante fluente de indonésio. Foi mais ou menos por esta altura que expressou, pela primeira vez, a ambição de um dia vir a ser presidente dos Estados Unidos. Além disso, aprendeu pugilismo (sob a tutela de Soetoro), pois já tinha sofrido às mãos de *bullies* locais. O tempo dedicado aos golpes de boxe deu-lhe

sem dúvida um traquejo bem útil para a futura atividade no Congresso.

AS REALIDADES DA VIDA

Nos Estados Unidos, o movimento pelos direitos civis começava a ganhar gás. A Lei dos Direitos Civis de 1964 tornou ilegal muitas formas de discriminação, incluindo as que se baseassem na raça ou na cor da pele. No ano seguinte, a Lei dos Direitos Eleitorais visou pôr fim às proibições relativas ao direito de voto dos afro-americanos que ainda existiam ao nível local e estadual. A mãe de Barack incentivou-lhe o interesse pelo clima social que florescia nos EUA, ao mesmo tempo que insistia num domínio perfeito da língua inglesa. Com o passar do tempo, o rapaz foi percebendo melhor o que significava ser negro na América.

Ann Dunham estava decidida a que o filho continuasse os estudos na América, e enviou-o para uma prestigiada escola privada no Havai, a Punahou, quando ele tinha 10 anos. A mãe e a meia-irmã, que nascera em 1970, de nome Maya, ficaram na Indonésia. Barack foi viver com os avós maternos, que tratava por Toot e Gramps. Mas aguardava-o mais turbulência ao virar da esquina. O segundo casamento da mãe acabou, e ela regressou ao Havai com Maya em 1972. Barack foi viver com elas, enquanto a mãe prosseguia os estudos de Antropologia. Porém, em 1975, Ann regressou à Indonésia para desenvolver trabalho de campo do seu doutoramento, levando Maya consigo.


Barack não quis ir, e foi de novo viver com Toot e Gramps, com quem permaneceu até finalizar os estudos na Punahou, em 1979.

Ou seja, a juventude de Obama foi marcada por uma série de conturbações. A luta que travava para construir uma identidade própria era ainda mais difícil dada a ausência de uma figura paterna consistente. Sentia intensamente a falta de uma relação com o pai biológico, em quem desejava ter um guia e um modelo. Como viria mais tarde a refletir em *A Minha Herança*, «havia apenas um pequeno problema: faltava o meu pai. Abandonara o paraíso e nada que a minha mãe ou os meus avós pudessem dizer-me conseguia neutralizar esse facto simples e incontestável.» Mesmo assim, numa situação em que, possivelmente, outros acabariam por seguir maus caminhos, Obama conseguiu manter um equilíbrio admirável — embora não sem um ou outro episódio de comportamento mais rebelde, como veremos mais adiante.

Um fator fundamental para ter sido bem-sucedido ao enfrentar desafios em que outros teriam soçobrado, foi a relação fantástica que sempre teve com a mãe, mesmo quando viviam a milhares de quilómetros de distância um do outro. Ela própria professora, esforçou-se para conseguir dar-lhe a melhor educação ao seu alcance, e inculcou-lhe os princípios liberais e humanitários que, mais tarde, iriam guiar a sua filosofia política — incluindo a abertura a pessoas de todas as proveniências e uma vontade de abraçar culturas diferentes. No mesmo livro, Obama afirma que ela era «o espírito mais bondoso e generoso que conheci [...] Devo-lhe o melhor que existe em mim».

Quem também teve um papel crucial em termos de apoio, por vezes em circunstâncias conturbadas, foram os avós maternos, adorados por Obama. Ofereceram-lhe um lar e um

refúgio — além de conselhos e orientação — sempre que precisou. Em fevereiro de 2018, Obama reconheceu tudo o que lhes deve, num discurso que proferiu em Houston: «Como sabem, quando eu nasci, a minha mãe era uma adolescente. O meu pai foi-se embora quando eu tinha 2 anos. Por isso, cresci com uma mãe solteira e os meus avós. Não tinham dinheiro, nem eram famosos. Tudo o que tinham para me dar era amor, e ainda me deram uma educação e esperança.» Foi esse amor e essa esperança que acabaram por ser a fonte de todos os sucessos que o futuro traria.



Se Olharmos de Fora, Vemos Muito do Que Está Dentro

«Na adolescência, a minha identidade estava dividida.»

BARACK OBAMA,
ENTREVISTA A O, *THE OPRAH MAGAZINE*, 2004

Uma das consequências do crescimento pouco convencional de Obama era o facto de ser frequentemente rotulado de forasteiro — e esse posicionamento foi fulcral para o modo como a sua visão do mundo se foi moldando. Quanto mais essa ideia de um mundo dividido entre «nós» e «eles» ia crescendo na sua cabeça, mais ele acreditava que o verdadeiro poder e mudança ocorrem quando as pessoas se unem. Mas ver-se regularmente à margem, afastado do centro das coisas, também o ensinou a analisar à distância — um atributo que sempre o acompanhou ao longo de toda a vida política. Por outras palavras, ser forçado a ponderar sobre muitos aspetos da sua própria sociedade estando na posição de excluído fê-lo trazer para a vida política a capacidade de olhar para os problemas à distância, com uma mente tranquila e analítica. Ao longo dos anos, os críticos têm-no acusado de ser distante e indiferente, mas tudo isso é, provavelmente, o reflexo de uma infância em que se viu tantas vezes afastado da sociedade mais convencional.

A ascendência mista marcou-o como um forasteiro desde o momento em que veio ao mundo. Nascido numa altura em que os Estados Unidos da América estavam a reavaliar as suas

fronteiras raciais, muitas vezes num ambiente explosivo e violento, o simples facto de ter mãe branca e pai negro tornava-o diferente. A mãe podia invocar raízes inglesas, escocesas, galesas, alemãs e suíças, ao passo que a ascendência do pai era, claro está, africana. As reuniões de família, recordou Obama num discurso em Xangai em 2009, «faziam lembrar as Nações Unidas». Com a pele escura e um nome deveras peculiar, Obama era, aos olhos do mundo, uma criança negra, e pouco importava que, na verdade, fosse o lado branco da família o que mais influenciava a sua formação. Conseguir conciliar a realidade que vivia em casa com a maneira como o mundo exterior olhava para ele foi um processo que durou muitos anos.

A disparidade de género na vida doméstica veio aumentar ainda mais este estatuto de alguém fora do sistema. Na prática sem qualquer figura paternal durante a maior parte da infância (à exceção da presença constante do avô), Obama cresceu num ambiente predominantemente feminino. E não deixa qualquer margem para dúvidas quanto ao que deve às mulheres da sua vida — como quando escreveu, no livro de 2006, *A Audácia da Esperança*, que:

É às mulheres, portanto, que devo o lastro da minha vida — a minha avó, que manteve a família à tona de água com o seu pragmatismo teimoso, e a minha mãe, que manteve alguma ordem no meu mundo e no da minha irmã, com o seu amor e clareza. Graças a elas, nunca precisei de nada importante. Delas, absorvi os valores que me têm guiado até hoje.

Mas por muito que o tenham ajudado a tornar-se na pessoa que é, a dor causada pela ausência do pai é palpável. Nas palavras do filho, Obama Sénior «foi sempre um mito para mim, ao mesmo tempo mais e menos do que um homem». O percurso de Obama até adulto foi, sem dúvida, mais conturbado por causa da falta de exposição a modelos masculinos adultos tradicionais.

O ciclo de mudar uma e outra vez de casa — do Havai para Seattle, depois para o ambiente desconhecido de Jacarta, de volta ao Havai, para a casa dos avós, seguido de uns tempos a viver com a mãe e a irmã, antes de regressar a casa de Toot e Gramps quando elas voltaram para a Indonésia — ainda fez aumentar mais a ideia que Obama tinha de si mesmo como alguém que está no lado de fora, a olhar para dentro. Era inevitável uma certa sensação de afastamento, apesar de Obama ter, deste modo, desenvolvido um talento para estabelecer relações e construir uma vida para si onde quer que se encontrasse. O Havai, pelo menos, oferecia um ambiente favorável aos forasteiros. Ao escrever para o *Punahou Bulletin*, em 1999, Obama sugeria que nesse estado teve a oportunidade de experienciar uma variedade de culturas numa atmosfera de respeito mútuo, que «se tornou parte integrante da minha visão do mundo, e a base para os valores que me são mais queridos».

Não obstante, a vida não foi fácil para Obama, o adolescente mestiço que vivia com os avós, quando começou a estudar na prestigiada Punahou School. Uma das duas únicas crianças negras que havia na escola, e com um nome que não poderia deixar de dar nas vistas, estava, mais uma vez, arredado da maioria dos colegas. Embora tivesse acabado por conseguir um lugar onde se encaixar na escola, continuou a debater-se com a maneira como a sociedade o enquadrava. Numa entrevista à *O, The Oprah Magazine*, em 2004, afirmou que:

Na adolescência, a minha identidade estava dividida — metade existia em casa, a outra metade no mundo cá fora. Só quando fui para a universidade é que me apercebi de que estava a ser profundamente desonesto. Tinha a certeza de que haveria algures uma maneira diferente de me entender a mim mesmo como um homem negro, sem ter de rejeitar o amor e os valores que me tinham sido passados pela minha mãe e pelos pais dela. Tive de me reconciliar com o facto de que podia sentir orgulho das minhas origens afro-americanas, sem ter de me sentir limitado por elas.

Obama viria a ser eleito para a presidência por duas vezes, conquistando o voto popular em ambas as ocasiões. Perante tal feito, podemos dizer que aquele que nasceu forasteiro descobriu a melhor maneira de passar para o lado de dentro. No entanto, os adversários usaram estas origens não tradicionais para o atacar com regularidade. Basta olhar para a forma absolutamente ridícula como se questionou se tinha nascido na América (ver página 223), uma das condições exigidas a qualquer candidato presidencial; ou ouvir as palavras que proferiu num discurso no dia das primárias em New Hampshire, em 2008: «em várias alturas da campanha, alguns comentadores consideraram-me tanto “demasiado negro” como “insuficientemente negro”.» Tantas vezes excluído quer de um grupo quer de outro, Obama aprendeu a passear por vários mundos com elegância. Toda esta experiência trouxe-lhe empatia pelo sofrimento de outros excluídos — ao ponto de, num discurso proferido em novembro de 2014, ter sugerido que a América fora construída sobre os ombros dos excluídos:

Não erguemos a Estátua da Liberdade de costas para o mundo, mas com uma luz na mão, que erradia como um farol para o mundo. Quer fôssemos irlandeses, italianos ou alemães a atravessar o Atlântico, ou japoneses ou chineses a atravessar o Pacífico, ou quer tenhamos atravessado o rio Grande ou voado para aqui de todas as partes do mundo — foram gerações de imigrantes que fizeram deste país o que ele é. É o que nos torna especiais.

Barack Obama ascendeu de relativa obscuridade à presidência dos Estados Unidos da América de forma extraordinária. A sua mensagem de esperança e mudança deram novo impulso às políticas globais e ligaram milhões de pessoas a um sistema que há muito sentiam ignorá-las.



**INSPIRE-SE COM A JORNADA DE OBAMA
E APRENDA QUE «SIM. PODEMOS.»**

Filho de pai queniano e mãe americana, Barack Obama era uma figura improvável enquanto futuro presidente dos EUA. Mas as pessoas viam nele um reflexo dos seus próprios ideais — valores como tolerância, igualdade, justiça e, talvez o mais importante, esperança. Para muitos, ele representava a mudança de mentalidades e a oportunidade para reformas concretas. E ao enfrentar os desafios únicos de um ambiente político global de incerteza, Obama apurou as capacidades de um verdadeiro presidente moderno para guiar o seu país em alguns dos mais difíceis momentos na história recente.

Com este livro pode aprender a pensar como o presidente mais acessível de sempre — um homem que está à vontade quer a discutir política externa quer as qualidades dos seus *rappers* favoritos.

O QUE PODE APRENDER COM ESTE PRESIDENTE ÚNICO:

**As suas opiniões sobre liderança e inovação • Como definir objetivos •
Aceitar e dominar a sua identidade • Ultrapassar obstáculos •
Combater a desigualdade • Tirar o melhor partido das redes sociais**

